

“A CONQUISTA DO PÃO” DE KROPOTKIN PARA OS DIAS DE HOJE: UMA ECONOMIA POLÍTICA ANARQUISTA

Wayne Price

Durante quarenta anos, Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um membro ativo do movimento anarquista. “Kropotkin... foi o principal expoente das ideias do movimento anarquista europeu, que, em grande parte, só se desenvolveu após a morte de Bakunin.” (Cahm 1989; p. ix) Um de seus livros mais conhecidos foi *A Conquista do Pão*. Escrito de forma clara e compreensível, onde ele expôs seu programa comunista anarquista e que ainda é amplamente lido em todo o mundo.

Alguns anarquistas e outros radicais questionam se vale a pena considerar o trabalho de homens brancos mortos com barbas espessas. Os tempos mudaram, eles apontam; a sociedade, a tecnologia e o anarquismo evoluíram.

No entanto, embora tenha havido muitas mudanças na sociedade, certas dinâmicas básicas permaneceram. Ainda vivemos sob o capitalismo, onde uma minoria governa explorando a maioria trabalhadora. O Estado ainda existe em todo o mundo, reprimindo o povo e travando guerras, sustentando e sendo sustentado pelo capitalismo. Ainda existem outros tipos de opressão (patriarcado, racismo, nacionalismo, imperialismo, heterossexismo, destruição ecológica etc.). Estas também são sustentadas pelo capitalismo e pelo Estado e, ao mesmo tempo, os sustentam.

O anarquismo foi criado por Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Goldman e muitos outros trabalhadores e ativistas, a fim de lidar com o capitalismo, o estatismo e outras opressões. Não precisamos reinventar a roda. Os anarquistas contemporâneos têm muito a aprender com seus antecessores. Isso inclui aprender com seus erros. Podemos ver mais longe do que eles, apenas porque estamos apoiados em seus ombros.

Paul Goodman, talvez o anarquista mais conhecido dos “anos 60”, escreveu: “Os caminhos que Kropotkin sugeriu, como os homens podem começar a viver melhor imediatamente, ainda são os mesmos caminhos; os males que ele atacou ainda são, em sua maioria, os mesmos males...” (Ward 1985; p. iv)

Ciência econômica

Kropotkin declarou: “A única ciência econômica digna desse nome [é] uma ciência que poderia ser chamada de ‘O Estudo das Necessidades da Humanidade e dos Meios Econômicos para satisfazê-las’.” (p. 94)

Sua visão sobre a “ciência econômica” não se concentra em como o capitalismo funciona, como o fazem a economia burguesa e o marxismo (de outro ângulo). Sua visão não enfatiza como os bens são produzidos atualmente. Kropotkin critica todos os economistas, “de Adam Smith a Marx”, cuja teoria “começa com a produção...” em vez de partir do “consumo, ou seja, dos meios necessários para satisfazer as necessidades dos indivíduos...”. (p. 201)

Ele olha para o futuro, para as maneiras como uma economia melhor poderia funcionar. Embora Kropotkin considere essa abordagem científica, há um aspecto moral nela (novamente, ao contrário da economia política burguesa ou marxista). Como poderíamos determinar quais necessidades humanas devem ser satisfeitas sem considerar seus valores?

Embora não seja o foco central deste livro, Kropotkin discute o funcionamento do capitalismo — mesmo que seja apenas para mostrar que este não satisfaz “as necessidades da humanidade”. Ele aponta o imenso crescimento da produtividade na indústria e na agricultura. Ao contrário de épocas anteriores, escreve ele, a sociedade atual poderia potencialmente proporcionar a todos o suficiente para uma vida plena. Isso foi escrito no final do século XIX. E como isso é verdadeiro hoje em dia!

Entretanto, “Os socialistas afirmaram que... tudo o que é necessário para a produção... foi apropriado por uma minoria. Essa minoria permite que a maioria trabalhe apenas com a condição de receber a maior parte dos lucros. Essa minoria impede o restante da população de produzir o que precisa e a obriga a produzir... o que oferece maiores lucros aos monopolistas. Nessa [análise] está a essência de todo o socialismo.” (p. 55). Vê-se que ao contrário de alguns anarquistas atuais, Kropotkin considerava o anarquismo uma variedade do socialismo.

Tudo isso é verdadeiro, palavra por palavra. A base do capitalismo (e do latifúndio) é a exploração dos trabalhadores. “O latifundiário deve sua riqueza à pobreza dos camponeses, e a riqueza do capitalista vem da mesma fonte” — a pobreza dos trabalhadores. (p. 85) Eu acrescentaria que a definição do que é “pobreza” não é um critério absoluto, mas relativo, dependendo do nível de produtividade, do contexto cultural e da história da luta da classe trabalhadora.

Kropotkin refere-se ao “bem-estar comparativo de uma certa categoria de jovens trabalhadores robustos, especializados em certos setores da indústria... Esse bem-estar... é um direito exclusivo de poucos...”. (p. 131) Ele se refere ao que tem sido apelidado de “aristocracia operária”. No entanto, observa que mesmo esses trabalhadores são inseguros e vulneráveis às oscilações da economia, resultando em desemprego periódico.

Suas boas condições de trabalho dependem, segundo ele, da pobreza de muitos e dos lucros exorbitantes do capitalismo imperialista. “Os territórios orientais em estado de atraso são explorados pelo Ocidente para que, sob o sistema capitalista, os trabalhadores de algumas indústrias privilegiadas possam obter certos confortos limitados na vida.” (p. 132) De qualquer forma, mesmo os trabalhadores mais abastados ainda são explorados, produzindo mais valor do que recebem em troca. O conceito de “aristocracia operária” pode ser visto como uma camada distinta de trabalhadores, mas provavelmente é melhor ver a classe trabalhadora em termos de uma polaridade gradativa.

Neste livro, Kropotkin refere-se repetidamente ao imperialismo, ao colonialismo e à guerra. “O Estado... considera necessário manter um exército caro, porque os comerciantes de todas as nações estão perpetuamente lutando pelos mercados, e a qualquer momento uma pequena disputa decorrente da exploração de alguma parte da Ásia ou da África pode resultar em guerra.” (p. 91) Em tom sarcástico, ele escreve: “Como toda a nossa civilização [burguesa] se baseia na exploração de raças inferiores e países com sistemas industriais menos avançados, a Revolução conferirá uma dádiva logo no início, ameaçando essa ‘civilização’ e permitindo que as chamadas raças inferiores se libertem.” (pp. 114-5) (Ele não considera que os povos colonizados possam fazer revoluções antes das nações imperialistas.)

Além de se referir à exploração dos trabalhadores industriais, camponeses e nações oprimidas (principalmente pessoas de cor), Kropotkin levanta a questão da opressão das mulheres: “A mulher também reivindica, finalmente, sua parte na emancipação da humanidade. Ela não quer mais ser a besta de carga da casa.” (p. 153) “Uma revolução... não seria uma revolução se mantivesse a escravidão em casa. Metade da humanidade submetida à escravidão do lar ainda teria que se rebelar contra a outra metade.” (p. 156-7)

Suas propostas para a libertação das mulheres envolvem o aumento do uso de máquinas e a cooperação na limpeza, cozinha, lavanderia etc. No entanto, ele aceita que tudo isso é “trabalho de mulher”, mesmo que socializado e tornado menos oneroso. Cuidar das crianças é especificamente um trabalho feminino, sem qualquer menção à

socialização. “As mulheres [estarão] envolvidas na educação de seus filhos...” (p. 136) Embora avançada para sua época, essa forma de pensar ainda estava aquém das perspectivas das principais feministas socialistas.

Economias pós-capitalistas

No livro *A Conquista do Pão*, sua visão sobre o pós-capitalismo não é um projeto detalhado, assim como os “socialistas utópicos” costumavam imaginar. Também não é tão vaga quanto a de Marx, que basicamente propunha que os trabalhadores tomassem o poder do Estado e depois veriam o que aconteceria (com algumas previsões espalhadas por seus escritos). Em vez disso, Kropotkin fornece princípios para uma sociedade anarquista-comunista, com o objetivo de defender sua possibilidade. “Mas é duvidoso que a revolução apresente as mesmas características em todos os lugares.” (p. 109)

Kropotkin propôs a socialização da economia: terras, fábricas, oficinas, maquinário produtivo, ferrovias, estradas, armazéns, moradias, restaurantes, recursos naturais e assim por diante. “A própria sociedade será forçada a assumir a produção em sua totalidade e a reorganizá-la para atender às necessidades de toda a população.” (p. 99)

No entanto, ele era veementemente contra o programa do “socialismo de estado” (ou “comunismo autoritário”): a ideia de que o estado deveria assumir grande parte ou toda a economia. Isso implicaria uma direção e um planejamento centralizados de cima para baixo. Os trabalhadores continuariam recebendo ordens dos patrões; os burocratas se tornariam a nova classe dominante; e a economia continuaria tão ineficiente como antes. Na prática, tratar-se-ia de um capitalismo de estado. Kropotkin e outros anarquistas previram tudo isso muito antes do advento da Rússia stalinista e de seus desdobramentos.

Kropotkin também não era apenas contra ditaduras revolucionárias. Ele se opunha com a mesma veemência à ideia de colocar uma república parlamentar no comando de uma economia nacionalizada. Essa “democracia representativa” (incluindo o sistema dos EUA) ainda era um Estado, hierárquico e centralizado, desenvolvido para servir ao capitalismo. Na melhor das hipóteses, era incompetente para administrar os assuntos de uma nação como um todo. Na pior das hipóteses, era repressiva e fraudulenta, dando aos trabalhadores a ilusão de que eram um povo livre. Mesmo que a população votasse a intervalos regulares, o Estado seria governado pelos altos executivos, pelos burocratas e pela burguesia. Os trabalhadores continuariam a vender sua força de trabalho por salários ou remunerações, trabalhando sob o comando de patrões, realizando trabalhos alienantes e sendo explorados.

A economia socializada (ou coletivizada) não deveria ser gerida por um órgão socialmente alienado, apoiado pelas forças armadas, que se colocasse acima dos trabalhadores — ou seja, um Estado. Em vez disso, deveria ser organizada por associações livres e autogovernadas do povo. As indústrias seriam geridas por conselhos de trabalhadores e por assembleias comunitárias com democracia direta. As populações rurais decidiriam coletivamente como organizar a sua atividade agrícola.

Haveria associações populares para distribuir os bens produzidos. Cozinhas comunitárias poderiam fazer o trabalho básico de cozinhar, com as famílias livres para terminar de cozinhar em casa, caso não quisessem comer coletivamente. As várias cooperativas, comunas e associações seriam federadas e conectadas em sistemas de coordenação.

“As comunas agroindustriais livres... devem ser grandes aglomerações como Paris, ou melhor ainda, pequenos territórios. Essas comunas se federariam, mesmo independentemente das fronteiras nacionais... e grandes associações de trabalhadores poderiam surgir para o serviço intercomunal das ferrovias, dos portos e assim por diante.” (pp. 50-51)

Ele dá o exemplo do sistema ferroviário europeu, que vai da Turquia à França, cruzando fronteiras, sem que haja um governo geral para organizar tais questões. Ao invés disso, as companhias ferroviárias enviaram delegados a conferências e fizeram acordos para coordenar suas estradas, horários, bitolas ferroviárias etc. E isso foi realizado sob o capitalismo, com a Europa dividida em nações-estados! Um argumento semelhante poderia ser feito hoje em relação ao tráfego aéreo internacional, coordenado por meio de acordos, sem um estado mundial. Sob o comunismo anarquista, a coordenação regional e internacional proporcionaria um planejamento econômico democrático e de baixo para cima.

Kropotkin rejeita o programa “coletivista”, no qual os trabalhadores seriam pagos pelas horas trabalhadas, em dinheiro ou em créditos de trabalho. Os trabalhadores comprariam mercadorias com seus dólares ou cupons. Kropotkin discordava dos programas propostos por P.J. Proudhon e Mikhail Bakunin (apesar de concordar com eles em outras questões) e da previsão de Marx de duas fases das economias pós-revolucionárias. Na primeira fase, os trabalhadores seriam pagos com créditos de trabalho; somente na fase superior haveria o comunismo pleno.

Como, ele pergunta, podemos julgar quanto esforço diferentes trabalhadores dedicam no mesmo período de tempo? Deveria haver diferentes níveis de remuneração

de acordo com a habilidade e o treinamento? Toda a produção não depende da cooperação em massa de um grande número de pessoas, no passado e no presente? Como, então, julgar o quanto cada trabalhador individualmente contribuiu para o produto final? Trabalhadores diferentes não têm necessidades diferentes, de modo que a igualdade de remuneração leva à desigualdade de vidas?

Ao invés disso, Kropotkin propõe o comunismo anarquista e o fim do sistema de salários. (Sem conexão com os partidos comunistas [com “c” maiúsculo]). Todos os adultos fisicamente aptos deveriam trabalhar por um número determinado de horas (ele sugere quatro ou cinco) em alguma tarefa socialmente necessária, em um grupo voluntário. Isso lhes daria direito ao padrão social de alimentação, vestuário, moradia etc. Caso desejassem algo mais, estariam livres para se envolver em grupos diversos que produzissem música, livros, instrumentos musicais, arte, alimentos e roupas das mais diversas variedades e quaisquer “luxos” que pudessem desejar.

A definição clássica do comunismo (com “c” minúsculo) é “De cada um segundo sua capacidade; a cada um segundo suas necessidades”. Exceto pela necessidade de realizar um mínimo de trabalho necessário, no comunismo não há conexão entre trabalho e consumo. “O sistema é o seguinte: nenhuma restrição ou limite ao que a comunidade possui em abundância, mas partilha e divisão igualitárias dos bens que são escassos ou propensos a se esgotar”. (p. 105) Dos bens que são abundantes, as pessoas podem pegar o que quiserem; dos bens escassos, pode haver racionamento.

Kropotkin argumenta que os alimentos poderiam ser cultivados em abundância muito maior do que atualmente nas regiões onde são produzidos. Ele fornece evidências de hortas comerciais e das melhores práticas agrícolas da época para apoiar essa afirmação. De muitas maneiras, as economias pós-capitalistas poderiam ser mais descentralizadas e regionalizadas do que sob o imperialismo corporativo atual.

Kropotkin faz afirmações semelhantes sobre o aumento da produtividade na indústria, sem o desperdício da produção capitalista direcionada para a rentabilidade. A tecnologia poderia ser redesenhada para tornar o trabalho mais criativo, gratificante e interessante. “Uma fábrica poderia ser tão saudável e agradável quanto um laboratório científico.” (p. 150) “Homens livres criarão novas condições, e seu trabalho será agradável e infinitamente mais produtivo.” (p. 152)

A sociedade superaria as divisões entre trabalho mental e trabalho manual, entre dar ordens e recebê-las, entre trabalho agrícola e industrial, e entre trabalho, arte e lazer.

Isso basicamente responde à questão de como fazer as pessoas trabalharem sem o chicote da pobreza e a gratificação do salário.

Numa edição posterior de *A Conquista do Pão*, Kropotkin observa que forneceu mais material para essas afirmações numa sequência. “Um desenvolvimento mais completo dessas ideias pode ser encontrado em meu livro, *Campos, Fábricas e Oficinas*.” (p. 220) O subtítulo é *Indústria Combinada com Agricultura e Trabalho Intelectual com Trabalho Manual*. (Kropotkin 1974). Mais tarde, Colin Ward reeditou essa obra, substituindo os longos relatos de evidências de Kropotkin por dados mais recentes para apoiar suas afirmações. (Ward 1985)

Desde então, tem havido uma vasta literatura relevante para a perspectiva de Kropotkin. Radicais e até mesmo liberais passaram a defender empresas administradas pelos trabalhadores. (Veja minha visão geral; Price 2014) Praticamente todas as indústrias têm sido administradas democraticamente, com sucesso, por cooperativas de produtores e/ou consumidores. Enquanto isso, a tecnologia moderna proporcionou possibilidades de produção em pequena escala e de ampla difusão, que ainda podem ser coordenadas a grandes distâncias. (Carson 2010) A possibilidade, e até mesmo a necessidade, de fazendas menores e orgânicas para um futuro ecologicamente seguro também foi demonstrada. (McKibben 2007)

Kropotkin lançou as bases para o que tem sido chamado de tecnologia “alternativa”, “satisfatória”, “libertadora” ou “humanista”. Mas ele próprio não a defendia totalmente. Ele achava que a tecnologia produtiva estava evoluindo nessa direção — menor, mais flexível e mais fácil de ser controlada pelos trabalhadores de forma criativa e democrática. Ele não advogava um esforço consciente para deliberadamente reformular a tecnologia, afastando-a de sua forma capitalista para uma forma libertadora, como fizeram os tecnólogos alternativos posteriores. (McRobie 1981)

Da mesma forma, ele lançou as bases para uma abordagem ecológica da indústria e da agricultura. No entanto, ele apenas criticava a economia capitalista por impedir a produção de bens úteis, incluindo alimentos, e por maltratar a classe trabalhadora. Ele tinha uma consciência ecológica, como geógrafo profissional e naturalista. Mas raramente criticava a agricultura e a indústria capitalistas por seu impacto destrutivo sobre o meio ambiente natural. Isso viria mais tarde, por meio dos anarquistas que seguiram seus passos — especialmente Murray Bookchin. (Biehl 2015; Bookchin 1980)

Revolução

Diversos anarquistas admiraram Kropotkin por demonstrar como uma sociedade livre e cooperativa poderia funcionar, sem um Estado ou uma classe capitalista. Esses anarquistas acreditam que tal sociedade poderia ser alcançada gradualmente e aos poucos, de forma pacífica e “democrática”, com pouco ou nenhum conflito violento. Essa era a visão de Paul Goodman, Colin Ward e, em nossa época, David Graeber e muitos outros.

Essa não era a perspectiva de Kropotkin, mas sim a de Proudhon antes dele. Kropotkin não acreditava que os ricos e poderosos renunciariam a suas riquezas e poder facilmente, mesmo que a grande maioria desejasse uma nova sociedade. Eles teriam que ser expropriados à força, tendo suas riquezas, suas terras, suas máquinas produtivas, seu dinheiro e seus políticos lhes sendo tomados.

“A expropriação... deve se aplicar a tudo que permite a qualquer homem... se apropriar do produto do trabalho alheio.” (p. 89)

Como a minoria anarquista deveria agir em períodos não revolucionários não é discutido neste volume. Kropotkin era a favor da participação dos anarquistas em sindicatos, greves e outras lutas populares, mesmo que com objetivos limitados. Enquanto isso, eles deveriam continuar a defender o comunismo anarquista revolucionário. (Cahm 1989) Kropotkin acreditava que uma revolução iria eclodir num momento de crise econômica. “É certo que a Revolução que se aproxima... irá rebentar sobre nós no meio de uma grande crise industrial.” (p. 98) Dada a instabilidade do capitalismo e o sofrimento dos trabalhadores, ele considerava uma revolução como inevitável num futuro próximo. “A revolução, cuja chegada esperamos, não daqui a duzentos anos, mas em breve, muito em breve.” (p. 89)

Nessa situação, os anarquistas deveriam convocar o povo a expropriar completamente os capitalistas, a tirar-lhes suas indústrias, meios de transporte, armazéns, moradias, terras e outras riquezas. “No dia em que atingirmos a propriedade privada, sob qualquer uma de suas formas, seremos obrigados a atacar todos os seus formatos.” (p. 92) Não se deve delegar essa tarefa ao Estado, que deve ser desmantelado em vez de fortalecido.

Os trabalhadores devem assumir o controle de suas fábricas e oficinas e administrá-las, produzindo bens úteis e planejando a reorganização do processo de produção. Os pequenos agricultores devem assumir o controle das terras, incluindo as terras não cultivadas, e começarem a produzir alimentos para toda a população.

“Os cidadãos, homens e mulheres, formarão equipes de voluntários e se dedicarão à tarefa de levantar um inventário aproximado do conteúdo de cada loja e armazém... Em cada quarteirão, em cada rua, em cada bairro, equipes de voluntários serão organizadas.” (p. 103) Coordenando-se entre si, os comitês deverão contabilizar os estoques de alimentos existentes e distribuí-los equitativamente — ao mesmo tempo em que criam cooperativas de consumidores. Da mesma forma, os comitês populares deverão investigar quais moradias estão disponíveis e quais são as necessidades habitacionais, e organizar uma redistribuição de alojamentos. Também serão elaborados planos para a construção de mais moradias.

Kropotkin não escreve sobre a necessidade de produzir armamentos, distribuí-los entre o povo e organizar um exército popular democrático (uma milícia) para se defender contra as forças armadas contrarrevolucionárias do antigo regime. Também não menciona a necessidade de espalhar propaganda entre as fileiras do exército regular (filhas e filhos dos trabalhadores). Mas isso se encaixaria facilmente em seu programa.

O comunismo anarquista completo não poderia ser implementado da noite para o dia. Alguns criticaram os anarquistas revolucionários por pensarem que uma nova sociedade poderia ser criada instantaneamente. Certamente essa não era a opinião de Kropotkin. “Não acreditamos que em qualquer país a Revolução será realizada de uma só vez, em um piscar de olhos.” (p. 110) Será um processo e uma luta, dependendo das necessidades e da criatividade dos trabalhadores.

A previsão de Kropotkin de uma revolução inevitável, que ocorreria em breve, pode parecer absurda hoje. “... Essa revolução é iminente... pode eclodir em poucos anos.” (p. 67) No entanto, ele viveu para ver a Revolução Russa de 1917, que foi seguida por uma revolução na Alemanha e outras rebeliões e levantes em toda a Europa. É verdade que essas revoluções fracassaram ou foram deformadas (como na Rússia), mas ele estava evocando possibilidades reais. No entanto, devemos abandonar toda conversa sobre “inevitabilidade”, “certeza” ou “iminência” revolucionária (que os marxistas também alegaram). Não é inevitável que uma revolução mundial dos trabalhadores e de todos os oprimidos aconteça antes, digamos, de uma guerra nuclear ou de uma catástrofe ecológica.

No entanto, em alguns pontos, Kropotkin sugere que a revolução não é tanto inevitável quanto uma possibilidade alternativa, uma escolha — que a sociedade enfrenta o que Rosa Luxemburgo chamou de “socialismo ou barbárie”. “Uma sociedade não pode viver assim”, escreveu Kropotkin, “ela deve regressar à verdade ou deixar de existir... Sob

pena de morte, as sociedades humanas são forçadas a retornar aos princípios básicos: [...] Todas as coisas são para todos”. (p. 61) O capitalismo continua propenso a crises, sendo instável e causador de grande sofrimento. Ele ameaça a humanidade com desastres militares e/ou ecológicos. “Sob pena de morte”, a necessidade de uma revolução e as possibilidades de tal revolução permanecem.

Economia Política Anarquista

Perto do final do livro, Kropotkin reafirma sua definição da “ciência” da “Economia Política” como “O estudo das necessidades da humanidade e dos meios de satisfazê-las com o mínimo desperdício possível de energia humana”.

(p. 202) Ele contrasta essa ideia com o foco de Marx em como o capitalismo funciona (a “crítica da economia política” de Marx). Ele rejeita especificamente a teoria do valor-trabalho e a tendência do capital para a concentração e centralização.

Na minha opinião, a abordagem de Kropotkin tem pontos fracos e pontos fortes. Sem uma visão mais ampla do funcionamento do capitalismo, não é possível compreender como ele sobreviveu por tanto tempo, o que provocou a prosperidade após a Segunda Guerra Mundial, o que causou seu colapso na década de 1970, a natureza dos regimes capitalistas estatais, por que o capitalismo é tão destrutivo para a natureza etc. Talvez seja um infeliz legado da influência de Kropotkin o fato de que praticamente não houve escritos anarquistas sobre a economia do capitalismo desde Proudhon.

Mas a abordagem de Kropotkin oferece aos trabalhadores e a outros uma visão, um objetivo moral, que também é prático e viável. Ela conduz a estratégias de ação numa revolução. Proporciona um padrão pelo qual se podem julgar as sociedades — algo que infelizmente falta ao marxismo quando confrontado com ditaduras assassinas que se autodenominam “marxistas”. Os aspectos libertários e humanísticos das visões de Marx facilmente se desgastaram porque nunca foram centrais ao projeto de Marx. Tal humanismo, democracia participativa e esperança científica eram centrais para Kropotkin. Ele não era perfeito (ver Price 2022), mas nossas perspectivas atuais são extensões da visão anarquista e revolucionária de Kropotkin.

Referências

(Existem vários livros sobre Kropotkin, bem como coleções de seus escritos. Recomendo a antologia de Kropotkin, de Iain McKay. Ela tem uma excelente “Introdução”, que resume suas ideias e sua vida.)

Biehl, Janet (2015). *Ecology or Catastrophe; The Life of Murray Bookchin*. Oxford UK: Oxford University Press.

Bookchin, Murray (1980). *Toward an Ecological Society*. Montreal-Buffalo: Black Rose Books

Cahm, Caroline (1989). *Kropotkin and the Rise of Revolutionary Anarchism 1872—1886*. Cambridge UK: Cambridge University Press.

Carson, Kevin A. (2010). *The Homebrew Industrial Revolution; A Low-Overhead Manifesto*. Booksurge.

Kropotkin, Peter (2008). *The Conquest of Bread*. (Charles Weigl, Intro.). Oakland CA: AK Press.

Kropotkin, Peter (1974). *Fields, Factories, and Workshops; Or Industry Combined with Agriculture and Brain Work with Manual Work*. NY: Gordon Press.

McKay, Iain (Ed.) (2014). *Direct Struggle Against Capital; A Peter Kropotkin Anthology*. Edinburgh UK/Oakland CA: AK Press.

McKibben, Bill (2007). *Deep Economy: The Wealth of Communities and the Durable Future*. NY: Henry Holt/Times Books.

McRobie, George (1981). *Small is Possible*. NY: Harper & Row.

Price, Wayne (2022). “Kropotkin and War—Today; The Debate over Kropotkin on World War I”

https://www.anarkismo.net/article/32683?search_text=Wayne

Price, Wayne (2014). “Workers’ Self-Directed Enterprises: A Revolutionary Program.” [Workers’ Self-Directed Enterprises: A Revolutionary Program - Anarkismo](#) *Anarcho-Syndicalist Review* (Winter 2014) #61

Ward, Colin (Ed.) (1985). *Peter Kropotkin’s Fields, Factories and Workshops Tomorrow; Edited, Introduced and with Additional Material*. London UK: Freedom Press.

Escrito originalmente para a Anarcho-Syndicalist Review.

Traduzido e revisado por Rafael V. da Silva

Publicado no ITHA em fevereiro de 2026.